

A PAZ

Aristófanes

Personagens

Dois escravos de Trigeu
Trigeu
Filha de Trigeu
Hermes
A Guerra
A Desordem
Coro de Lavradores
Hiérocles (adivinho)
Fabricante de Foices
Fabricante de Penachos
Fabricante de Couraças
Fabricante de Clarins
Fabricante de Capacetes
Fabricante de Laças
Primeiro Menino (filho de Lâmaco)
Segundo Menino (filho de Cleônimo)

Personagens Mudos

Gregos de Diferentes Cidades
Lâmaco
A Paz
A Abundância
A Alegria
Um Senador

Primeira apresentação da peça em 421 antes de Cristo, em Atenas
Época de ação: aproximadamente a mesma da primeira apresentação.

Resumo

Trigeu, lavrador que vivia em um lugarejo da Ática do cultivo de suas vinhas, resolve subir ao céu, montado num escaravelho, para perguntar aos deuses a causa dos males que afligiam a Grécia, às voltas com interminável guerra fratricida. No céu ele encontra apenas Hermes; os demais deuses haviam-se retirado para regiões ainda mais altas do firmamento, resolvidos a não mais presenciar a discórdia que levava os gregos ao extermínio. Hermes, a princípio relutante, resolve responder às perguntas de Trigeu, que explora a gula do deus remanescente; mostra-lhe a Guerra personificada, disposta a pulverizar as cidades gregas em um imenso pilão, enquanto a Paz permanece prisioneira no fundo de uma caverna, cuja entrada está obstruída por grandes pedras. Trigeu quer libertar a prisioneira a todo custo. Por isso convoca os trabalhadores de todas as regiões da Grécia, gente do campo, os mais sacrificados com a guerra. Depois de muitos esforços conseguem libertar a prisioneira e com ela voltam aos gregos a abundância e a alegria. Somente os fabricantes de armamentos não compartilham do contentamento geral, pois o fim da guerra os arruina. A peça termina com o casamento de Trigeu e da Abundância, companheira da Paz.

Cenário

À direita, a casa de Trigeu; no centro, a entrada de uma caverna fechada por grandes pedras; à esquerda, a morada de Zeus.

Primeiro Escravo

Depressa! Depressa! Traga o bolo para o escaravelho!

Segundo Escravo

Pronto.

Primeiro Escravo

Dê o bolo a este inseto maldito!

Segundo Escravo

Nunca mais vai ele vai comer outro bolo melhor.

Primeiro Escravo

Dê mais um, feito de estrume de burro.

Segundo Escravo

Está aqui outro.

Primeiro Escravo

E onde está o que você tinha trazido agora mesmo? Será que ele já devorou?

Segundo Escravo

Claro! Ele revirou o bolo com as patas e engoliu de uma vez.

Primeiro Escravo

Então faça outros depressa, e bem amassados.

Segundo Escravo

Pelo amor dos deuses, limpadores de latrinas! Me socorram se não quiserem que eu morra sufocado!

Primeiro Escravo

Mais! Mais! Peça a um pederasta! O escaravelho disse que gosta bem espremido.

Segundo Escravo

Pronto. Ao menos fico livre de suspeita de comer a massa do bolo enquanto preparo ele.

Primeiro Escravo

Que fedor! Mais! Mais! Não pare de espremer!

Segundo Escravo

Não posso mais! Já não consigo suportar esse fedor de latrina.

Primeiro Escravo

Vou entrar e levo a latrina comigo.

(O Primeiro Escravo entra com o escaravelho.)

Segundo Escravo

Leve ela para o inferno e vá com ela!

(Dirigindo-se aos espectadores.)

Me diga, quem souber, onde eu posso comprar um nariz sem buracos. Não conheço trabalho mais horroroso que esse de espremer comida para um escaravelho. Um porco ou um cachorro engolem sem luxinhos os nossos excrementos mas esse bicho aí se faz de dengoso e não quer comer a não ser que eu tenha passado o dia todo amassando os bocados, como se fosse uma mulherzinha muito delicada! Mas vamos ver se ele já parou de comer; vamos abrir a porta só um pouquinho para ele não notar a minha presença.

(O Segundo Escravo entreabre a porta.)

Coma! Empanturre-se de comida até estourar! Com que gana esse bicho maldito devora a comida! Ele mexe o queixo sem parar, como um lutador mexe com os braços. Mexe as cabeças e as patas como um fabricante de cordas para barcos. Bicho feio, fedorento e guloso! A que deus ele é consagrado? Não tenho certeza, mas penso que não há de ser a Afrodite nem às Graças.

Primeiro Escravo

A que deus, então?

Segundo Escravo

Só se for a Zeus merdejante.

Primeiro Escravo

Você ainda não ouviu algum espectador, algum rapazola convencido, perguntar: “Que negócio é esse? Para que esse escaravelho?” E um vizinho dele responde: “Se não me engano, aquele político sujo anda metido nisso; dizem que ele comia imundície”. Mas eu vou entrar para dar de beber ao escaravelho.

Segundo Escravo

E eu vou explicar o caso às crianças, aos homenzinhos, aos homens feitos, aos homens desfeitos, aos que já viveram demais. Meu patrão está com uma mania esquisita. (Não é essa de vocês, não!) É outra mania, completamente nova. O dia todo, com os olhos

erguidos para o céu, ele se queixa a Zeus e diz: “Ah! Zeus! Que é que você pretende fazer? Pare com essa vassoura! Não varra a Grécia da face da terra!” Atenção! Silêncio! Parece que estou ouvindo a voz dele!

Trigeu (sem ser visto)

Ah! Zeus! Que é que você pretende fazer com os atenienses? Você não se incomoda de estar despovoando nossas cidades?

Segundo Escravo

É essa mania de que eu estava falando. Agora vocês tiveram uma amostra da loucura dele. Mas eu quero contar a vocês as coisas que ele disse no primeiro acesso da doença: “Por que é que eu não posso ir direto a Zeus?” Depois, fazendo pequenos degraus, subia por eles com os pés e as mãos, “para escalar os céus”; até que ele caiu no chão e quebrou a cabeça. Mas ontem ele foi não onde e voltou para casa com um escaravelho enorme, indócil como um cavalo da Sicília, e fez de mim o tratador de tal bicho. Ele acaricia o escaravelho com a mão, como se fosse um potro: “Meu Pegasozinho!” diz ele. “Generoso voador, me leva direto a Zeus de um arranco só!” Mas vamos olhar por esta fresta para ver o que ele está fazendo.

(Olha.)

Ah! Infeliz! Socorro, vizinhos! Socorro! Meu patrão está subindo desabaladamente pelos ares, cavalgando um escaravelho!

Trigeu (montado no escaravelho)

Vamos devagar, não precisa exagerar no entusiasmo! Não comece voando tão depressa assim; espere esquentar e desembaraçar as juntas com o bater das asas. E faça o favor de não largar mau cheiro em mim; se for para isso é melhor você ficar em casa.

Segundo Escravo

O senhor está delirando, patrão!

Trigeu

Silêncio!... Silêncio!...

Segundo Escravo

Aonde o senhor vai? O senhor vai-se perder aí pelo céu.

Trigeu (em tom solene)

O interesse dos gregos orienta meu vôo e preside meus ousados planos!

Segundo Plano

Por que o senhor está voando? Que maluquice é essa?

Trigeu

Não diga palavras de mau agouro! Fale coisas otimistas e dê berros de alegria! Mandem todo mundo se calar, cobrir as latrinas com telhas novas e arrolhar os intestinos.

Segundo Escravo

Eu não me calo antes de o senhor dizer para onde está voando.

Trigeu

Para onde havia de ser? Para o céu, lá para onde está Zeus.

Segundo Escravo

E para quê?

Trigeu

Para saber o que ele pretende fazer dos gregos todos.

Segundo Escravo

E se ele não disser?

Trigeu

Eu vou mover uma ação contra ele por trair os gregos em benefício dos persas.

Segundo Escravo

Essa não! O senhor não vai fazer isso enquanto eu estiver vivo!

Trigeu

Não pode ser de outra maneira.

Segundo Escravo (Dirigindo-se às filhas de Trigeu)

Meninas! O pai de vocês está indo embora! Ele vai sozinho para o céu, de fininho! Tentem dar um jeito nele, coitadinhas!

(Aparecem as filhas de Trigeu.)

Uma das Filhas

Papai! Papai!

“Tem fundamento esse rumor ouvido em nossa casa?”

Você nos abandona para se misturar com os pássaros, até com os corvos, rápido como o vento? É verdade? Diga, papai, se você gosta um pouquinho de mim!

Trigeu (solene)

“Pode-se presumir, crianças.” O certo é que eu sofro quando vocês pedem pão, chamando-me de papai, e não tenho em casa nem mesmo um níquel. Se eu for bem sucedido e conseguir voltar, vocês quando quiserem terão um pastelão e ainda levarão... uma bolacha!

Uma das Filhas

Mas como é que você vai fazer essa viagem? Não há barcos para levar você por esse caminho.

Trigeu

Um potro alado de conduzirá. Eu não vou embarcar.

Uma das Filhas

Eu descobri nas fábulas de Esopo que o escaravelho foi o único bicho voador que conseguiu chegar até os deuses.

Uma das Filhas

Papai! Papai! Essa história de um bicho tão malcheiroso Ter chegado até os deuses é muito forte...

Trigeu

Ele chegou até lá por causa do ódio que sentia pela águia, há muito tempo, e fez rolar de céu abaixo os ovos dela para se vingar.

Uma das Filhas

Você devia ter arranjado um Pégaso para aparecer diante dos deuses com um ar mais trágico.

Trigeu

Mas minha doçura, assim eu teria de levar um farnel duplo. Agora a própria comida que eu engolir vai servir de alimento para minha montaria...

Uma das Filhas (em tom solene)

Mas se ele se precipitar nas profundezas dos líquidos abismos, como poderá sair de lá, sendo uma criatura alada?

Trigeu

Eu tenho aqui, de propósito, um timão para usar se for preciso (*apontando para o próprio pênis*) ; meu escaravelho viraria uma es... caravela.

Uma das Filhas

E em que porto você poderia entrar montado nesse barquinho?

Trigeu

Eu acho que no Pireu há um porto escara... Velho.

Uma das Filhas

Cuidado para não escorregar e despencar lá de cima; depois você vai ficar mancando e pode servir de personagem para Eurípedes, virando tragédia.

Trigeu

Eu vou ter cuidado com tudo isso. Vamos! Adeus!

(As filhas de Trigeu se retiram. Trigeu se dirige aos espectadores.)

É por vocês que vou correr esses riscos todos; então apertem-se durante três dias, pois se este bicho sentir o cheiro disso que vocês não vão fazer ele se despenca comigo de cabeça para baixo para se banquetear.

(Dirigi-se ao escaravelho.)

Vamos, Pégaso, avance alegremente, chocalhando seus arreios de rédeas douradas, feliz da vida, com as orelhas levantadas! Que é que você está fazendo? Que é isso? Por que você está baixando o focinho para o lado daquelas ruas sujas? Afaste-se de uma vez da terra! Depois, soltando suas asas rápidas, vá direto à corte de Zeus, desviando as ventas dois excrementos, das comidas que você papa todos os dias...

(Dirigindo-se a alguém em baixo.)

Ei! Você aí, meu chapa! Que idéia é essa de se espremer aí perto dos bordéis do Pireu? Você me mata! Você me mata! Por que você não sai daí já, cobre tudo isso com um montão de terra, planta uma roseira em cima e encharca tudo de perfume? Se eu cair daqui e me esborrachar, minha morte vai custar muito dinheiro à cidade de Espremadura por culpa de seu traseiro!

(O escaravelho, que ia subindo, começa a baixar.)

Que medo! (E agora eu não estou falando para fazer graça!) *(Nesta altura, Trigeu dirige-se ao maquinista do teatro, que estava elevando o escaravelho por meio de cordas.)* Maquinista! Cuidado! Eu já estou sentindo um ventinho na altura do umbigo e se você não tomar cuidado eu vou dar comida agora mesmo ao escaravelho!... Mas parece que já estou perto dos deuses; ali deve ser a casa de Zeus.

(O escaravelho para diante da porta da casa de Zeus.)

Quem é que toma conta da porta de Zeus?

(Bate repetidamente à porta.)

Como é? Não vai abrir?

Hermes *(de dentro)*

Que cheiro de gente é esse?

(Abrindo a porta)

Essa não! Que negócio é esse?

Trigeu

Um escara... valo.

Hermes

Canalha! Atrevido! Sem vergonha! Canalha! Canalha mesmo! Supercanalha! Como é que você subiu até aqui, o mais canalha dos canalhas? Como é o seu nome? Você não diz nada?

Trigeu

Supercanalha.

Hermes

De onde você é? Diga!

Trigeu

Supercanalha.

Hermes

Quem é seu pai?

Trigeu

O meu? Supercanalha.

Hermes

É assim? Pois você vai morrer sem escapatória se não disser o seu nome!

Trigeu

Trigeu Atmoneu, vinhateiro competente. Não sou delator nem fanático por política.

Hermes

E o que é que você veio fazer aqui?

Trigeu (mostrando um embrulho)

Trazer este pedaço de carne para você.

Hermes (mudando de tom)

Coitadinho!... E como foi que você conseguiu chegar?

Trigeu

Guloso! Agora eu já não sou supercanalha. Então vá chamar Zeus que é com ele que eu quero falar.

Hermes (rindo)

Ha! Ha! Ha! Você ainda não está perto dos deuses. Eles foram embora; mudaram-se ontem.

Trigeu

Para que lugar da terra?

Hermes

Como? Da Terra?

Trigeu

Onde, então?

Hermes

Longe às pampas. Lá no cocuruto da abóbada celeste.

Trigeu

E como é que eles deixaram você sozinho aqui?

Hermes

Eles estavam por conta com os gregos e puseram a Guerra aqui, onde eles costumam ficar, entregando vocês todos a ela para ela fazer de vocês o que bem entender. Eles se mandaram para as maiores alturas possíveis, a fim de não ver vocês lutarem uns contra os outros e para não ouvirem nem o zunzum das súplicas de vocês.

Trigeu

Por que eles nos tratam assim? Por quê?

Hermes

Porque vocês preferiram a guerra, apesar de eles terem oferecido a vocês tantas oportunidades de trégua. Os lacônicos quando levaram vantagem diziam: “Pelos deuses! Agora esses fulanos da Ática nos pegarão!”. Se vocês, os aticônicos conseguiram uma vitória e os lacônios vinham falar em paz, vocês diziam logo: “Pela deusa! Estamos sendo tapeados! Sim, por Zeus! Não devemos dar atenção a eles! Se conservarmos Pilos em nosso poder eles voltarão!”

Trigeu

Foi isso mesmo... Era assim que nós falávamos.

Hermes

Por essas e outras não sei se vocês ainda vão ver a Paz.

Trigeu

Mas para onde ela foi?

Hermes

A Guerra trancafiou a infeliz numa caverna profunda.

Trigeu

Em que caverna?

Hermes

Naquela ali embaixo. Você está vendo quanta pedra ela amontoou na entrada para impedir vocês de reconquistá-la?

Trigeu

E você sabe o que a Guerra vai fazer conosco agora?

Hermes

Só sei uma coisa: ontem de noite ela pôs lá dentro uma enormidade de pilão.

Trigeu

E o que é que ela vai fazer com esse pilão?

Hermes

Ela pretende reduzir as cidades a pó. Mas eu vou andando; ela não demora a aparecer.

(Ouvem-se estrondos dentro da gruta.)

Ela vive estrondando lá dentro.

(Sai Hermes.)

Trigeu

Coitado de mim! Vou tratar de me salvar dela. Parece que também ouvi barulho do pilão da Guerra.

(Trigeu oculta-se num canto. A Guerra entra com um enorme pilão.)

Guerra

Ah! Mortais! Mortais! Mortais muito desgraçados, como os queixos de vocês vão sofrer daqui a pouco!

Trigeu

Deuses! Que pilão! Que largura! Que horror! Que pinta a desta guerra! É desta aí que temos de fugir, a terrível, a inflexível, que... está escorrendo pelas pernas...

(Trigeu se acocora como se fosse satisfazer uma necessidade premente, provocada pelo medo.)

Guerra

Ah! Cidades que cheiram a alho! Três vezes, cinco vezes, dezenas de vezes desgraçadas, de forma que vocês vão acabar hoje!

(A Guerra joga os alhos no pilão.)

Trigeu *(aos espectadores)*

Isso ainda não é conosco, pessoal, Essa desgraça é para a Lacônia.

Guerra (*jogando mais alhos no pilão*)

Ah! Cidades que produzem muito alho! Como vocês vão ser piladas agora e reduzidas a picadinho!

Trigeu (*esfregando os olhos irritados pelo alho*)

Essa não! Quantos motivos para choro, fortes e ardentes, ela jogou lá dentro!

Guerra (*jogando queijo no pilão*)

Ah! Cidades produtoras de queijo! Vocês também estão perdidas!

Trigeu

Que cidades infelizes! Vão ser raladas!...

Guerra (*derramando mel no pilão*)

Agora vamos derramar aqui um pouco de mel ateniense.

Trigeu (*a parte*)

Eu aconselho você a arranjar outro mel. Esse é muito caro! Economize o mel ateniense!

Guerra (*gritando para dentro da caverna.*)

Desordem! Ó Desordem!

(*Aparece a Desordem, saindo da caverna.*)

Desordem

O que é que a senhora quer, chefe?

Guerra

Você vai gemer de tanto apanhar! Plantada aí sem fazer nada! Tome!

(*Dá uns tapas na Desordem.*)

Desordem

Ai! Como arde! Coitada de mim, chefe!

Trigeu (*à parte*)

Será que ela pôs alho nos tapas?

Guerra

Vá já buscar um pau de pilar para mim! Corra!

Desordem

Mas chefe, não temos mais essas coisas aqui; todo mundo se mudou ontem.

Guerra

Então corra e vá buscar um de alguém lá em Atenas. Depressa! Voando!

Desordem

Vou agorinha mesma!

(À parte)

Senão vou gemer de tanto apanhar!

(Sai a Desordem.)

Trigeu (à parte)

E agora? O que é que nós vamos fazer, coitadinhos? Vejam como a nossa situação é periclitante! Se ela voltar com o pau de pilar, a Guerra vai se servir dele para esmagar as cidades à vontade. Ah! Deuses! Fazei com que ela morra e não traga o que foi buscar!

Guerra *(dirigindo-se à Desordem, que volta vagarosamente e sem jeito.)*

Ei! Você aí!

Desordem

O que é que há?

Guerra

Você não trouxe?

Desordem *(gaguejando)*

O caso é o seguinte... Os atenienses perderam o pau de pilar deles, o vendedor de couros que estava acabando com a Grécia.

Trigeu (à parte)

Santos deuses! Que ótimo! Foi bom que ele morresse, e na hora exata para a cidade, se com isso nos livramos de virar picadinho!

Guerra

Então vá procurar outro na Lacedemônia. Se mande!

Desordem

Está bem, chefa.

Guerra

E volte já!

(A Desordem sai correndo.)

Trigeu *(aos espectadores)*

O que é que vai ser de nós, pessoal? Estamos num momento crítico. Vamos! Se algum de vocês tiver prestígio no além, é hora de fazer uma reza para na volta ela torcer o pé.

Desordem *(voltando com um ar desolado.)*

Coitada de mim! Coitada e muitas vezes coitada!

Guerra

O que é que há? Você ainda não trouxe?

Desordem

Acontece que os lacedemônios também perderam o pau de pilar deles.

Guerra

Como, sua preguiçosa?

Desordem

Mandaram ele emprestado não sei para onde e ele se perdeu por lá.

Trigeu

Bem feito! Bem feito, deuses! Talvez agora a situação melhore. Coragem, pessoal!

Guerra *(dirigindo-se à desordem)*

Peque aquelas ferramentas ali e leve lá para dentro! Vou entrar e fazer um pau de pilar.

(Saem a Guerra e a Desordem.)

Trigeu *(aos espectadores)*

Agora é hora de cantar uma música badalativa, balançando as mãos levantadas: “Como é bom gozar! Hoje eu vou me esbaldar!” Gregos! Chegou a hora de libertar a Paz querida por todos, de nos livrarmos das brigas e combates, antes que outro pau de pilar apareça para atrapalhar! Vamos, lavradores e negociantes, artistas, operários, imigrantes, estrangeiros, ilhéus, venham todos para cá, povo de todos os lugares, o mais depressa possível, com picaretas, alavancas e cordas! Chegou a hora de ter juízo!

(Entra o Coro, composto de lavradores atenienses, lacônios e de outras regiões da Grécia.)

Corifeu

Marchem todos por aqui fogosamente, diretos para a liberdade! Ajudemo-nos uns aos outros, gregos de toda a parte, agora ou nunca! Chega de campos de batalha! Chega de uniformes militares! Acaba de raiar o dia luminoso de que traficantes de guerra não vão gostar!

(Dirigindo-se a Trigeu.)

Se temos de fazer alguma coisa, fale e dirija a nossa missão. Não é preciso dizer que hoje estou decidido a não parar antes de libertar, com alavancas e guindastes, aquela que entre todas as deusas é a maior amiga de nossos vinhedos!

Trigeu

Será que vocês não vão calar a boca? Cuidado, pessoal! Com essa alegria exagerada e com esses gritos vocês podem redobrar a fúria da Guerra lá dentro!

Corifeu

Mas ouvindo uma convocação como esta nós temos de ficar alegres. Esta não nos manda trazer o rancho para a guerra.

Trigeu

É, mas cuidado com a fera de triste fama que agora jaz embaixo da terra! Cuidado para que ele, alucinado e ululando como quando estava nesse mundo, não atrapalhe vocês na hora de trazer a deusa para fora da caverna!

Corifeu

Agora ninguém vai poder separá-la de mim quando estiver nos meus braços!

(Ensaizando uns passos de dança.)

Oba! Oba!

Trigeu

Se vocês não quiserem me ver morto, meus chapas, parem com essa algazarra. Assim ela vai sair de novo da caverna e amassar todo mundo com os pés.

Corifeu

Pois ela que faça confusão, sapateie, abagunce tudo! Hoje nós não podemos esconder nossa alegria.

Trigeu

Que doença é essa que atacou vocês? Qual é o caso? Não vão estragar uma façanha tão bonita com essa badalação!

Corifeu

Não sou eu que quero; são minhas pernas que começam a dançar sozinhas, sem eu sentir.

Trigeu

Por enquanto basta. Chega de dança. Chega!

Corifeu

Então veja: eu já parei.

Trigeu

Você falou que parou mas não parou.

Corifeu

Eu não parei? Dê licença só para um passinho e nada mais.

Trigeu

Esse, vá lá, depois nada de dança.

Corifeu

Se isso ajuda você, nós vamos parar de dançar.

Trigeu

Mas vejam só! Vocês ainda não pararam!

Corifeu

Só esse passo agora; uma pernada para a direita e aí nós paramos.

Trigeu

Se vocês não me amolarem mais, eu deixo.

Corifeu

Mas olhe aqui, com a esquerda também. Isso é mais forte do que eu. Quando ela estiver em nossas mãos, aí então vocês poderão se esbaldar, gritar, gargalhar; vocês vão poder viajar, ficar parados, rosetar, dormir, ir às festas, aos banquetes, jogar, rebolar, cantar trá-lá-lá.

Coro

Tomara que eu possa ver logo esse dia! Sofri muito, conheci muita cama dura! Eu não vou ser mais um juiz amoroso e intratável...

Trigeu

E duro às pampas, com antigamente...

Coro

Você vai ver como eu vou ficar bonzinho e remoçado quando me livrar dos problemas da guerra. Estamos nos matando há muito tempo e nos estouramos correndo para os exercício militares e voltando dos exercícios com a lança e o escudo. Mas o que é que nós podemos fazer para agradar você? Vamos! Fale, pois a sorte fez de você nosso líder absoluto!

Trigeu

Para começar, quero ver como é que vamos tirar aquelas pedras da entrada da gruta.

(reaparece Hermes, a tempo de ouvir Trigeu.)

Hermes

Canalha! Revolucionário! Que é que você pretende fazer?

Trigeu

Nada de ruim... Tudo de bom...

Hermes

Você está perdido, infeliz!

Trigeu

Se for o meu destino, assim seja. Mas afinal de contas você é Hermes e vai ter de fazer o sorteio para ver quando eu vou morrer.

Hermes

‘Você está perdido, perdidíssimo!

Trigeu

Quando?

Hermes

Agora mesmo!

Trigeu

Mas eu ainda não comprei coisa alguma, nem farinha nem queijo para ir à guerra... quero dizer, para morrer!

Hermes

Pois assim mesmo você vai entrar bem!

Trigeu

E como é que eu ainda não senti nada, se vai me acontecer uma coisa tão boa?

Hermes (*apontando para a caverna onde estava encerrada a Paz.*)

Vocês não sabem que os deuses decretaram a morte para quem for apanhado tentando soltá-la?

Trigeu

Então eu tenho de morrer de qualquer maneira?

Hermes

Você não tem escapatória!

Trigeu

Então me empreste dinheiro para eu comprar um leitão. Tenho de me preparar para morrer.

Hermes

Deus do raio e do trovão!...

Trigeu

Não vá nos denunciar, pelo amor dos deuses! Eu suplico, meu chefe!

Hermes

Não posso me calar!

Trigeu

Eu imploro, pelas oferendas de carne que trouxe para você, cheio de boa vontade!

Hermes (menos decidido)

Mas meu caro, os deuses me arrasariam se eu não denunciasses esse fato aos berros!

Trigeu

Então não berre, meu Hermesinho, por favor!

(Ao Coro)

O que é que vocês têm? Digam, meus chapas! Vocês estão plantados aí, apalermados! Não fiquem calados, desgraçados, senão ele vai gritar!

Coro

Não faça isso, nosso senhor Hermes! Não faça isso! Não faça, não! Se você ainda se lembra do apetite com que devorou um leitãozinho oferecido por mim, não faça pouco caso daquele meu presente, agora que a situação não está boa!

Trigeu

Você não está ouvindo esta puxada, meu senhor e chefe?

Coro

Não seja mau, é a nossa súplica! Não nos impeça de ficar com ele! Seja camarada, você que é o mais humano e bonzinho dos deuses, mesmo que você não tenha medo do penacho e da carranca de certos heróis... E nós renderemos homenagens a você com santos sacrifícios e procissões pomposas para todo o sempre, chefe!

Trigeu

Vamos! Eu imploro! Comova-se com a falação deles! Além disso, eles agora rezam para você e ainda mais do que antes.

(À parte)

Agora eles são ainda mais ladrões do que antes...

(Alto)

E eu vou revelar uma coisa terrível: um golpe contra todos os deuses!

Hermes

Então conte. Talvez você me convença.

Trigeu

A Lua e esse malandro do Sol conspiram contra vocês há muito tempo e traem a Grécia para favorecer os bárbaros.

Hermes

E por que eles fazem isso?

Trigeu

Ora! Porque nós fazemos sacrifícios a vocês e os bárbaros a eles. Logo, como você já deve ter manjado, eles gostariam que todos nós fôssemos aniquilados para serem as únicas divindades a receber oferendas.

Hermes

Ah! Então foi por isso que eles há algum tempo surripiaram um pedaço do dia e encurtaram matreiramente suas órbitas?

Trigeu

Isso mesmo! Diante disso, meu caro Hermes, você deve nos apoiar como amigo e nos ajudar a tirar a Paz lá de dentro. Celebraremos em sua honra tudo quanto é festa, até a dos outros deuses. Outras cidades também, livres de suas desgraças, sacrificarão a Hermes, o Salvador, em todos os lugares; isso sem contar os lucros que você terá... De saída eu lhe ofereço esta taça, para você fazer as libações.

Hermes

Ah! Essas taças de ouro me comovem!

Trigeu

Manda brasa, pessoal! Vamos! Tirem essas pedras com as picaretas e cordas!

Corifeu

Vamos tratar disso.

(Dirigindo-se a Hermes.)

E você, que é o mais sábio dos deuses, dirija o nosso trabalho e explique o que devemos fazer, como entendido que você é em arrombamentos... Deixe o resto por nossa conta e você vai ver que nós não trabalhamos mal recebendo as suas ordens.

(Os coreutas tentam remover as pedras mas falham na primeira tentativa.)

Trigeu *(a Hermes)*

Me dê a taça depressa para nós tomarmos uns tragos, numa libação em homenagem aos deuses antes de começarmos a picaretagem!

Hermes

Libação! Libação! Concentrem-se! Concentrem-se! Fazendo esta libação, vamos rezar para que este dia seja para todos os gregos o início de um bocado de coisas boas e para os que pegarem nestas cordas com o coração cheio de boa vontade nunca mais tornem a pegar em armas!

Trigeu (bebendo)

E que a gente possa levar a vida no seio da paz, com uma boa amiga, remexendo brasas...

Hermes (bebendo)

Quanto aos que preferirem a guerra, que nunca parem...

Trigeu (bebendo)

... de arrancar pontas de flechas dos cotovelos.

Hermes (bebendo)

E se alguém, com vontade de comandar batalhões, se opuser a que você volte a reinar entre os homens, soberana Paz, que nas batalhas...

Trigeu (bebendo)

... tenha de jogar as armas fora para fugir mais depressa.

Hermes (bebendo)

E se um fabricante de lanças ou um vendedor de escudos desejar que haja guerra para ganhar mais dinheiro...

Trigeu (bebendo)

... que seja assaltado por bandidos e só fique com umas migalhas para comer!

Hermes (bebendo)

E se alguém, com vontade de ser general, não quiser nos ajudar, ou desertar como um escravo...

Trigeu (bebendo)

... que seja amarrado numa roda e esfolado a chicotadas!

Hermes (bebendo)

E a nós só aconteçam coisas boas! Hipe, urra! Hipe, urra!

Trigeu (bebendo)

Tire esse “urra”, que faz pensar em surra, e diga só “hipe”.

Hermes (bebendo)

Então, hipe! Hipe! (Ouviu? Eu disse só hipe.)

Trigeu (*bebendo*)

A Hermes, às Graças, à Abundância, à deusa do amor, ao Desejo!

Hermes (*já meio embriagado*)

Mas ao deus da guerra, não!

Trigeu (*bebendo*)

Não!

Hermes (*bebendo*)

Nem aos deus da carnificina!

Trigeu (*bebendo*)

Não!

(Depois de retirarem as pedras que obstruíam a frente da caverna onde estava a Paz, os coreutas amarram cordas na porta que a fecha.)

Hermes

Agora empinem todos a espinha e puxem a corda!

Coro

Força!

Hermes

Mais força!

Coro

Força!

Hermes

Mais força ainda!

Coro

Força! Força!

Trigeu

Mas vocês não estão puxando todos ao mesmo tempo! Vamos cooperar? Que confusão vocês estão fazendo! Vocês aí, beócios! Vocês estão querendo apanhar!

Hermes

Agora, força!

Trigeu

Bota força nisso, pessoal!

Coro (dirigindo-se a Hermes e Trigeu)

Vamos! Puxem vocês também!

Trigeu

E o que é que eu estou fazendo senão puxar, me pendurar na corda, fazer a maior força e me estourar?

Corifeu

Então por que o nosso esforço não dá resultado?

Trigeu (ironicamente, a um coreuta mole.)

O que é que há, Lâmaco? Não está direito você sentar nas pernas dos outros. Esse seu escudo pavoroso não adianta mais nada. Esses argivos aqui também não puxam há muito tempo; ficam rindo dos que fazem força e procuram levar vantagem dos dois lados.

Hermes

Mas os lacônios puxam como homens, meu chapa!

Trigeu

É mesmo, mas só os lenhadores dão duro. Os ferreiros, não.

Hermes

Os megários também não são de nada. Puxam com uma cara tão feia que até parecem uns cachorrinhos.

Trigeu

Também pudera! Estão morrendo de fome!

Hermes

Não estamos conseguindo nada, pessoal. Vamos! Temos de tocar para a frente com a solidariedade de todos!

Coro

Força!

Hermes

Mais força!

Coro

Força!

Hermes

Força, por favor!

Coro

Estamos nos mexendo um pouquinho!

Trigeu

Não é de amargar que uns puxem num sentido e outros ao contrário? Vocês vão acabar levando umas lambadas, argivos!

Hermes

Agora, força!

Trigeu

Força!

Coro

Que má vontade de alguns de vocês!

Trigeu (Aos lavradores atenienses.)

Ao menos vocês, que estão ansiosos pela paz, puxem com vontade!

Coro

Mas alguns atrapalham!

Hermes

Por que vocês não vão para o inferno, Megários? A Paz zangou-se com vocês. Ela se lembra de que vocês foram os primeiros a esquentar o ambiente. Vocês, atenienses, parem de ficar pregados ao chão! Vocês só querem julgar os outros. Se vocês querem mesmo soltar a Paz, recuem um pouco para o lado do mar.

Corifeu

Vamos resolver o caso sozinhos, nós, os lavradores?

Hermes

Agora, com vocês, a coisa vai!

Corifeu

Ele está dizendo que a coisa vai! Força, pessoal! Vamos na base do entusiasmo!

Trigeu

Vejam só! Os lavradores conseguem puxar e outros não!

Coro

Vamos agora, todo o mundo!

Hermes

É mesmo! Desta vez estamos perto!

Coro

Nada de moleza! Vamos redobrar o esforço e o entusiasmo!

Hermes

Desta vez vamos chegar até a Paz!

Coro

Então, força! Força, todo o mundo! Força, força, agora, força! Força, força, todo o mundo, força!

(A porta cede. A Paz é trazida para fora da caverna, acompanhada da Abundância – literalmente, “Opora”, deusa das colheitas e dos frutos – e da Alegria – literalmente “Teoria”, deusa das festas.

Trigeu

Com que palavras vou me dirigir à senhora, soberana Paz, doadora das uvas? Onde irei buscar adjetivos saídos de dez mil jarras de vinho para saudar a senhora? (Lá em casa está faltando vinho...) Salve, Abundância, e você também, Alegria (que carinha linda você tem, Alegria).

(Beija a Alegria)

Que hálito gostoso, perfumado e suave como a isenção do serviço militar e como as essências mais finas.

Hermes

Isso faz lembrar o cheiro das trouxas dos soldados!

Trigeu

Longe de mim a trouxa odiosa de um inimigo odiado! O cheiro da trouxa pioraria o arrotado de um comedor de cebolas. O hálito dela perfuma o odor das frutas, os banquetes, as festas dos deuses, a música das flautas, os cantos de Sófocles, os versinhos de Eurípedes...

Hermes

Você vai-se arrepender por estar caluniando a Alegria; ela não pode gostar de um poeta chicaneiro!

Trigeu *(continuando)*

... a hera, as pipas de vinho, os carneirinhos balindo, o colo das mulheres correndo soltas no campo, a empregadinha embriagada, a garrafa vazia e muitas outras coisas boas.

Hermes

Veja como as cidades conversam umas com as outras, de pazes feitas, e riem alegremente!

Trigeu

E isso apesar do aspecto de cansaço e dos corpos cobertos de curativos.

Hermes

E aqueles ali, os espectadores? Olha a cara deles e veja se descobre a profissão de cada um!

Trigeu

Que tristeza!

Hermes

Aquele ali, por exemplo, o fabricante de penachos para capacetes: você está vendo como ele arranca os cabelos?

Trigeu

É, mas o fabricante de enxadas soltou o maior peido no nariz do fabricante de espadas, aquele ali atrás.

Hermes

E você está vendo como o fabricante de foices está alegre?

Trigeu

E como ela dá uma banana para o fabricante de lanças?

Hermes

Agora comunique aos lavradores que eles devem voltar.

Trigeu

Ouçam todos: que os lavradores voltem com suas ferramentas e se dirijam sem demora para o campo, sem lança, nem espada, nem dardo, pois a boa Paz de antigamente está de novo aqui conosco. Vamos! Volte cada um a trabalhar no campo após cantar uma canção alegre!

Corifeu

O dia tão esperado pelos homens de bem e pelos lavradores! Feliz haver-te visto, quero saudar minhas parreiras e figueiras, que plantei na mocidade. Há muito tempo suspiro por abraçá-las!

Trigeu

Agora companheiros, vamos invocar primeiro a deusa que nos livrou dos penachos de guerra e dos escudos assustadores. Depois tratemos de correr depressa para nossas casas, para nossos sítios, não esquecendo de comprar alguma comida para levar para o campo.

Hermes

Ah! Deuses! Que bonito espetáculo é esse ajuntamento compacto como um bolo e buliçoso como um banquete nababesco!

Trigeu

É sim; a enxada é mesmo uma coisa bonita quando bem polida, e os ancinhos de três dentes brilhando ao sol também, prontinhos para fazer um bom canteiro. Eu mesmo estou ansioso por voltar ao campo agora e afofar meu pedacinho de terra com o enxadão, depois de tanto tempo. Vamos! Lembrem-se, companheiros, da vida boa que a deusa nos proporcionava antes, aqueles pacotes de figos secos, os figos frescos, o mirto, o vinho doce, o canteiro de violetas perto do poço e as azeitonas que agora nos fazem tanta falta! Dêem agora um viva à deusa pela volta dessas coisas boas!

Coro

Viva! Viva! Como estamos alegres com a sua vinda, Paz muito querida! Eu estava tarado de desejos por você; um impulso sobre-humano me impelia a voltar para o campo. Você era a causa da abundância para todos nós que vivíamos da terra, Paz muito desejada! Só você nos ajudava. Que doces prazeres tínhamos antes, graças a você, gratuitos e bem gozados! Você era para a gente do campo o doce mais gostoso e a salvação. As parreiras e as figueiras novas e todas as outras plantas também receberão você com um sorriso alegre.

Corifeu

Mas onde esteve a Paz durante esse tempo todo, enquanto ficou longe de nós? Você que é o deus mais bonzinho, Hermes, conte para nós.

Hermes

Prestem muita atenção ao que vou dizer, vocês que são lavradores sensatos, se quiserem ficar sabendo como perderam a Paz. A causa remota da desgraça foi o exílio de Fídias. Péricles, receoso de partilhar a mesma sorte e temendo o temperamento de vocês e esses dentes sempre prontos para morder, para não ser atingido pela desventura pôs fogo na cidade, valendo-se de uma pequena centelha – o decreto a respeito de Megara e soprou o vento da guerra com tanta força que a fumaça fez todos os gregos chorar, os lá de baixo e os daqui. E desde que um graveto crepitou timidamente a um tonel atingido chocou violentamente contra outro tonel, não houve mais quem pudesse deter o mal e a Paz desapareceu.

Trigeu

Ninguém tinha me dito essas coisas antes. Eu não sabia que havia uma ligação entre elas e Fídias.

Corifeu

Nem eu; só agora estou sabendo disso. Então é por estar ligada a esse grande homem que a Paz é tão bela! Quanta coisa nós ignorávamos!

Hermes

Depois, quando as cidades submetidas a vocês viram vocês brigando uns com os outros e mostrando os dentes, recorreram a tudo contra vocês com receio dos tributos que teriam de pagar e conquistaram com bom dinheiro os lacônios mais influentes. Estes, ambiciosos, cínicos e falsamente amigos dos estrangeiros, repeliram vergonhosamente a

Paz para estimular a Guerra. E os lucros deles foram a perdição dos lavradores, pois vossos barcos em represália saíam daqui para destruir as figueiras dos inocentes.

Trigeu

E era muito justo, pois eles derribaram a figueira negra que eu tinha plantado e tratava tão bem.

Corifeu

Sim, meu caro; era justo, pois quanto a mim eles destruíram a pedradas o depósito onde eu guardava todo o meu trigo

Hermes

Depois, quando o povo do campo se concentrou aqui, não compreendeu que estava servindo de instrumento, tal como antes; privado do bagaço de uva e louco por figos secos, o povo se virava para os demagogos; estes ,sabendo que os pobres estavam exaustos e necessitados de pão , expulsaram a deusa aos berros , embora muitas vezes ela tentasse reaparecer , por sua própria vontade , por amor desta terra. Eles atormentavam os aliados prestigiosos e ricos, acusando-os de serem partidários de um general de outras terras. E vocês , como cães ferozes , estraçalhavam as vítimas que eles indicavam, pois a cidade, lívida, aterrorizada, inerte, se banqueteara deliciada com tudo que era atirado a ela .Mas os estrangeiros, diante dos golpes que recebiam, empanturravam com ouro a boca dos que faziam essas coisas; e ,assim, eles enriqueciam , enquanto a Grécia se arruinava sem que vocês percebessem . E o autor de tudo isso era um vendedor de couros.

Trigeu

Chega. chega, chefe Hermes; não diga esse nome. Deixe esse Homem onde ele está, lá no inferno. Esse homem não é mais nosso ; é seu .Tudo que você disse dele agora, que ele em vida foi um salafrário , um caluniador, um delatador, um enrolador, um agitador , tudo isso agora atinge gente sua , Hermes.

(dirigindo-se a Paz.)

Mas porque a senhora permanece calada? Diga!

Hermes

Ela não quer dirigir a palavra aos espectadores; está muito zangada com eles por causa dos sofrimentos que causaram a ela.

Trigeu

Então ela que fale a você sozinho , em voz baixa.

Hermes

Diga quais são os seus sentimentos a respeito deles , querida. Vamos, fale, você que é a mulher que mais odeia as armas!

Hermes aproxima seu rosto do rosto da paz , como se a ouvisse falar baixo.

Muito bem . Estou ouvindo. Isso é tudo que você reprova neles? Compreendo.

Dirigindo-se aos espectadores.

Ouçam a razão por que ela censura vocês : ela diz que veio espontaneamente , depois dos acontecimentos de Pilos, trazer à cidade um cesto cheio de trégua e foi repelida três vezes pelos votos de vocês na assembléia .

Trigeu

Nisso nós erramos , mas perdoe, nosso espírito estava coberto de couro.

Hermes (*Após ouvir algo que a Paz lhe diz ao ouvido*)

Vamos para a frente. Ouça o que ela acaba de me perguntar: quem fazia mais oposição a ela aqui e quem era amigo dela e se esforçava para que não houvesse luta?

Trigeu

O maior inimigo dela, sem comparação, era Cleônimo.

Hermes

Que espécie de homem é esse Cleônimo quanto às virtudes guerreiras?

Trigeu

Um sujeito valente como nenhum outro; mas ele não era filho do distinto que ele chamava de pai. Mal partiu para a guerra esse enjeitado “enjeitou” o escudo.

Hermes

Ela ainda quer saber de uma coisa: quem é o maioral agora nos comícios?

Trigeu

Quem tomou conta desse lugar foi Hipérbolo.

(Dirigindo-se à Paz.)

Ei! O que é que você está fazendo? Por que você virou a cara para o outro lado?

Hermes

É desgosto e irritação porque o povo escolheu um chefe tão ruim.

Trigeu

Mas nós não queremos mais ele! O povo não tinha um guia e, sentindo-se completamente nu, fez dele uma espécie de cobertor.

Hermes

Ela está perguntando como é que a cidade vai resolver esse caso.

Trigeu

Agora nós vamos Ter mais juízo.

Hermes

Como?

Trigeu

Ele era fabricante de lampiões. Antes nós tratávamos dessas questões às apalpadelas, no escuro. Agora todas as nossas deliberações vão ser às claras, com os lampiões deles.

Hermes (*após ouvir, novamente a Paz*)

Essa não! Quantas perguntas ela quer que eu faça!

Trigeu

Quais?

Hermes

Uma porção, principalmente sobre coisas que se passaram desde que ela foi embora daqui. Primeiro ela quer saber o que é feito de Sófocles.

Trigeu

Ele vai bem, mas acontece uma coisa gozada com ele.

Hermes

Que coisa?

Trigeu

Depois de velho ele só pensa em dinheiro.

Hermes

Como?

Trigeu

Ora; velho e acabado como está, “por dinheiro ele navegaria até numa tábua”.

Hermes

Como é que pode? E o genial Cratino? Ele ainda vive?

Trigeu

Morreu durante a invasão dos lacônios.

Hermes

Que houve com ele?

Trigeu

Que é que podia ter acontecido? Ele teve um colapso; não resistiu quando viu os inimigos quebrarem uma jarrinha cheinha de vinho. E você não pode imaginar quantas

outras desgraças aconteceram na cidade! Por essas e outras nunca mais deixaremos você, dona Paz.

Hermes

Pois se você pensa assim, case com a Abundância, que está aqui. Vá morar com ela no campo e tenham muitas... uvas.

Trigeu

Venha cá, querida, e me dê um beijo.

(a Hermes)

Você vai estranhar se depois de um jejum tão prolongado eu me jogar em cima dele, chefe Hermes?

Hermes

Não, mas primeiro tome um chá de erva-doce. Leve primeiro a Alegria, que também está aqui, até o Senado, que antes se servia dela.

Trigeu

Senado de sorte, com essa Alegria! Quanta sopa você vai engolir durante três dias, quanta tripa cozida você vai devorar, e quanta carne! Isso sim é que é vida divertida, meu caro Hermes! Passe bem!

Hermes

E você também, meu chapa! Vá divertir-se e lembre-se de mim.

Trigeu

Para casa, escaravelho! Para casa! Vamos levantar vôo!

Hermes

Ele não está mais aqui, meu caro.

Trigeu

Para onde ele foi?

Hermes

“Jungido ao carro do potente Zeus
“ele conduz aos seus relâmpagos...”

Trigeu

E onde o coitadinho vai achar comida?

Hermes

Ele pode comer a ambrosia de Ganimedes, que mora por lá.

Trigeu

E como é que eu vou descer?

Hermes

Não se preocupe que tudo vai dar certo; fique aqui ao lado da deusa.

Trigeu

Venham comigo, moças, e depressa! Muitos marmanjos lá em baixo desejam e esperam vocês daquele jeito.

Corifeu

Então vá embora e seja feliz. E nós, enquanto esperamos, vamos entregar essas coisas todas ao pessoal do Coro, para serem guardadas, pois há uma porção de ladrões perto do palco preparando-se para penetrar e dar os seus golpes.

(Ao pessoal do Coro.)

Cuidem valentemente de tudo isso. Quanto a nós, vamos dirigir a palavra ao público e expor nosso pensamento aos espectadores.

Sem dúvida mereceria umas bengaladas do guarda do teatro o poeta cômico que se desmandasse em auto-elogios ao dirigir-se ao distinto público nesta fala frente a frente. Mas se é permitido, Musa, render homenagem ao homem que conquistou a fama de melhor dos comediógrafos, nosso poeta pensa que tem direito a grandes louvores. Primeiro, porque ele foi o único entre nós que forçou seus rivais a acabarem com a monotonia de fazer graça sistematicamente com farrapos e com catação de piolhos. Esses heróis grotescos de antigamente, sempre amassando bolos e famintos, foi ele o primeiro a abolir e desmoralizá-los. Ele acabou com os escravos que fugiam, tapeavam e faziam tudo para apanhar, saindo de casa gemendo sem parar, só para que um companheiro, depois de zombar das pancadas recebidas, perguntasse: “Que foi que houve com a sua pele, infeliz? Será que o chicote de muitas pontas tomou conta de seus flancos e estourou as suas costas?” Proscurendo essas tolices, essa vulgaridade, essas palhaçadas grosseiras, ele criou para nós uma arte maior e, construindo-a, vestiu-a de belas palavras, de grandes palavras, de grandes idéias e de uma graça que não se encontra aí pelas ruas. Não são criaturas obscuras nem mulheres que ele põe em cena, mas com uma coragem heróica indiferente ao mau cheiro do couro e às ameaças cheias de lama. E acima de tudo combateu o monstro de dentes afiados, apesar de seus terríveis olhares de cadela que lançavam relâmpagos; cem cabeças de aduladores nojentos, em círculo, lambiam-lhe a frente; sua voz parecia uma torrente devastadora; fedia como uma foca e tinha os testículos sujos de uma Lamia e o traseiro de um camelo. Não tive medo de tal monstro e lutando em defesa de vocês e das ilhas enfrentei-o sempre. Por esses serviços, agora é justo que vocês me concedam uma recompensa e se mostrem reconhecidos. Vocês sabem que quando recebi antes um prêmio igual que pleiteara, ninguém me viu sair correndo para os campos de ginástica, ansioso por corromper meninos; ao contrário, arrumando minha bagagem eu me retirava logo, após haver causado o mínimo possível de mágoas, muita alegria e haver cumprido o meu dever. Conto com o apoio dos homens feitos e dos moços. Convido também os carecas a concorrer para a minha vitória. Se eu for o vencedor, cada um deles poderá dizer nos banquetes e nas bebedeiras: “Leve este prato para o careca!”

Passa aquele ali para o careca, não negue o que é devido ao dono da testa mais imponente entre todos os poetas”.

Primeiro Semicoro

E tu, Musas, manda a Guerra pular e dançar comigo, celebrando as núpcias dos deuses, as farras dos homens e as festas alegres dos bem-aventurados, pois são esses os assuntos que preferes desde o início dos tempos. Mas se Carcino vier pedir-te para dançar com seus filhos, não ouças o que eles disserem, não sigas em sua companhia; trata-os como se fossem codornas, dançarinos com o pescoço do tamanho dos sacos dos soldados, anões, merda de cabra, trapaceiros. O pai deles também queria que a peça que, contra a expectativa geral, ele tinha conseguido apresentar, fosse engolida de noite por um gato.

Segundo Semicoro

São estes os hinos simples das Graças de belos cabelos, que um bom poeta deve cantar quando a andorinha pousada faz ouvir seu gorjeio primaveril, quando Mórismo não consegue gente para o coro, nem Melânio, cuja voz desafinada ainda ouço naquela vez em que compuseram um coro trágico, ele e o irmão, duas Górgonas vorazes, Hárpias, tocadores de arraias, miseráveis perseguidores de velhas, de axilas de bode, mal cheirosos até no mercado de peixe. Lança sobre eles uma abundante e ampla cusparada, divina Musa, e vem celebrar a festa comigo.

Trigeu (reaparecendo em frente de sua casa em companhia da Abundância e da Alegria, e dirigindo-se aos espectadores.)

Como foi difícil chegar até a morada dos deuses! Vejam como as minhas pernas ainda estão tremendo! Vocês lá de cima pareciam tão insignificantes! Olhando lá do céu vocês pareciam ruins mesmo, mas daqui eu vejo que vocês são ainda piores.

Criado (saindo da casa de Trigeu.)

Até que enfim o senhor voltou!

Trigeu

É o que dizem por aí.

Criado

O que foi que aconteceu com o senhor?

Trigeu

Estou com as pernas doendo depois dessa longa caminhada.

Criado

Mas agora me conte!

Trigeu

O quê?

Criado

Além do senhor havia algum outro homem lá pelos caminhos do céu?

Trigeu

Não, a não ser duas ou três almas de poetas ditirâmicos.

Criado

E o que é que eles estavam fazendo?

Trigeu

Eles colhiam em pleno vôo prelúdios líricos, desses que – como direi? – flutuam em todos os sentidos no azul diáfano.

Criado

Então essa estória de que a gente vira estrela depois de morto não é verdadeira?

Trigeu

É sim.

Criado

E que estrela é agora lá no céu aquele poeta que falava muito em estrelas?

Trigeu

Aquela mesma de que ele falou num de seus poemas. Mal ele chegou lá por cima foi logo chamado de Estrela d'Alva.

Criado

E essas estrelas que cruzam o espaço e deixam um rastro de fogo por onde passam?

Trigeu

São estrelas ricas que voltam dos banquetes com lampiões acesos.

(Apontando para Abundância.)

Mas pegue esta aqui e leve lá para dentro já; encha a banheira, esquite a água e apronte um leito nupcial para ela e para mim. Quando você tiver feito tudo isso, volte aqui.

(Apontando para a Alegria.)

Enquanto isso eu vou levar esta aqui até o Senado.

Criado

Onde foi que o senhor arranjou essa aí?

Trigeu

Onde? No céu!

Criado

Então eu não dou mais esmolas aos deuses, se eles bancam os cafifas como nós, mortais.

Trigeu

Não foi exatamente assim, mas lá também há quem viva disso. Vamos, rapaz! Ande!

Criado

Eu devo dar alguma coisa para ela comer?

Trigeu

Nada; ela não há de querer nem pão nem bolachas, pois está acostumada a mamar ambrosia lá no céu.

Criado

Então é preciso dar alguma coisa aqui também para ela mamar?

(Sai o Criado com a Abundância.)

Corifeu

O velhote parece felicíssimo; está na cara.

Trigeu

Imagine só quando você me vir casado, brilhando às pampas!

Corifeu

Vão ficar com muita inveja de você, velhinho, quando você aparecer todo perfumado, como um broto.

Trigeu

Eu acredito. Você já pensou como vai ser bom quando eu deitar com ela e pegar nos peitinhos dela?

Corifeu

Você vai parecer mais feliz que uma... vedeta.

Trigeu

E não é justo? Eu que, montado num escaravelho, salvei os gregos, de tal maneira que agora eles podem morar tranqüilamente no campo, fazer amor e dormir?

Criado *(voltando)*

Eu já dei banho na moça e vai tudo bem lá por perto do traseiro dela: a torta está assada, estão amassando o gergelim etc. Só falta a vara.

Trigeu

Então vamos mandar a Alegria de uma vez para o Senado.

Criado

Quem é ela? O que é que o senhor está dizendo?

Trigeu

Nós já conhecemos esta Alegria, numa festa em que estávamos muito bebidos. Fique sabendo que tive muito trabalho para pegá-la.

Criado

E o que é que ela promete, chefe? Uma festa a... bundante?

Trigeu (aos espectadores)

Algum de vocês aí é sério? Quem? Vamos ver! Quem vai querer tomar conta dela e guardá-la inteirinha para o Senado?

(Ao Criado, que faz um sinal obsceno.)

Que é que vocês está querendo dizer com esse gesto?

Criado (hesitante e gaguejando.)

A... coisa... Está perto da festa da coisa dela e eu queria um lugar para minha coisa na festa...

Trigeu (aos espectadores)

Como é? Ninguém se ofereceu ainda para tomar conta dela?

(À Alegria)

Então venha cá, que eu mesmo vou levar você e deixá-lo no meio deles.

(Trigeu sai com a Alegria e com o Criado. A cena desloca-se para o Senado.)

Criado

Alguém está fazendo sinal ali.

Trigeu

Quem?

Criado

Quem havia de ser? Arifrades. Ele implora para nós levarmos a Alegria até onde ele está.

Trigeu

Mas ele vai-se jogar em cima dela e sugar toda a seiva dela, coitadinha!

(À Alegria.)

Vamos. Primeiro tire a roupa.

(A Alegria despe-se; quando fica nua, Trigeu a conduz até a entrada do compartimento reservado aos senadores.)

Senado! Senadores! Contemplem a Alegria! Vejam quanta coisa boa eu trago para vocês! De saída, vocês podem levantar as pernas dela e iniciar o “sacrifício”. Olhem que “forno”!

Criado

Puxa! Ela é bonita às pampas! Agora eu compreendo porque é que ela tem aquela mancha preta! É a fumaça do forno! Antes da guerra os senadores fritavam bolinhos ali!

Trigeu

Agora que ela é de vocês, podem organizar a partir de amanhã uma sessão gostosíssima, com uma luta vale-tudo; podem virá-la de costas, botá-la de joelhos, aplicar uns golpes bem lubrificadas, trabalhar com as mãos e com os paus. No dia seguinte, depois de tudo isso, vocês podem fazer uma competição hípica, montando e desmontando, caindo e trepando. Quem não agüentar a virada vai ficar todo esfolado! Vamos, senadores! Recebam a Alegria! (Vejam com que “eficiência” aquele senador recebe a Alegria! Você não agiria com essa rapidez se fosse preciso apresentar algum projeto sem compensação; você entraria em recesso...)

Coro

É isso mesmo! Um homem como você é uma preciosidade pública!

Trigeu

Quando chegar a hora da colheita vocês vão saber ainda melhor quanto eu valho!

Coro

Nós já estamos vendo desde agora. Você foi o nosso salvador.

Trigeu

Você vai dizer isso ainda mais alto quando esvaziar uma taça de vinho novo!

Coro

Depois dos deuses você para nós é o maior!

Trigeu

E eu mereço isso de vocês, eu, Trigeu Atmoneu; liberei o povo, liberei os lavradores de sofrimentos cruéis e acabei com um perigoso demagogo.

Criado

Então vamos tocar para a frente. O que é que temos de fazer agora?

Trigeu

Agora só falta instalar condignamente a Paz. Vamos oferecer umas panelas a ela.

Criado

Panelas, como a um deusinho qualquer?

Trigeu

Então o que é que você acha? Você quer que seja um boi gordo?

Criado

Um boi? De jeito nenhum! Matar boi faz pensar em matar gente, em guerra.

Trigeu

E que tal um porco grande e gordo?

Criado

Não... Não...

Trigeu

Por que não?

Criado

Os políticos talvez queiram fazer alguma porcaria...

Trigeu

Então o que é que você quer oferecer à deusa?

Criado

Um cordeiro.

Trigeu

Cordeiro?

Criado

Isso mesmo.

Trigeu

Não estou entendendo! Por quê?

Criado

Se alguém falar em guerra, vai haver berro...

Trigeu

Você tem toda a razão.

Criado

... e aí todo o mundo fica bonzinho. Todo o mundo vai ser bonzinho como um cordeiro, tanto entre nós como entre nossos aliados.

Trigeu

Então traga logo o cordeiro. Eu vou arranjar o altar para a oferenda.

(Saem todos.)

Coro

Tudo acaba bem quando os deuses e a sorte querem. Tudo marcha como se deseja e as coisas se encaminham para um ponto certo.

Trigeu *(reaparecendo)*

É isso mesmo, pois aí está um altar prontinho em frente à porta.

Coro

Vamos depressa, enquanto dura o vento forte soprado pelos deuses para afastar a guerra. Agora eles encaminham claramente a nossa sorte no rumo prosperidade.

Trigeu

Está aqui a cesta com os pés de cevada sagrados, uma grinalda, um cutelo; o fogo está ali no altar. Só falta o cordeiro.

Coro

Então toda a pressa é pouca. Se algum músico desses que levam a vida na flauta vir vocês aí, vai chegar perto e vai querer tocar sem ser convidado; e se vocês virem a cara de sofrimento que ele faz quando toca, vão deixar que ele tome parte na festa.

Trigeu *(ao Criado que chega com um cordeiro e um jarro d'água.)*

Vamos! Pegue a cesta e a água benta e dê uma volta pelo altar, da direita para a esquerda. Depressa!

Criado

Pronto! Diga outra coisa que eu já dei a volta.

Trigeu

Agora vamos apanhar esse tição para mergulhá-lo na água.

(Dirigindo-se ao cordeiro, no qual joga água.)

Sacuda-se depressa!

(Ao Criado.)

E você, me dê a cevada! Purifique as mãos na água benta e depois passe ela para mim e jogue os grãos nos espectadores.

Criado

Pronto!

Trigeu

Você já jogou?

Criado

Já sim; e tão bem que, apesar de haver muitos espectadores, nenhum ficou sem seus grãos...

Trigeu

Pelo menos as mulheres não receberam.

Criado

Mas de noite os maridos vão passar os grãos para elas...

Trigeu

Muito bem. Então vamos rezar. Quem é esta gente? Onde está a gente boa?

Criado

Eu vou jogar neste aqui; eles tem jeito de ser boa gente.

(Joga água benta nos espectadores.)

Trigeu

Você tem certeza de que eles são boa gente?

Criado

E não são? Eles que agüentam firme no lugar apesar dessa chubarada que eu joguei neles?

Trigeu

Então toca para frente. Vamos rezar.

Criado

Rezemos.

Trigeu

Augusta rainha e deusa, Paz venerada, soberana dos coros, soberana das festas nupciais, recebe nosso sacrifício!

Criado

Recebe nosso sacrifício, deusa digníssima, e não faça como as mulheres que negaceiam com os amantes; elas entreabrem a porta e se debruçam; se algum homem fica de olho vai embora, elas se debruçam de novo. Não faça nada disso conosco!

Trigeu

Não faça, não! Mostra-te todinha, como uma mulher sincera, a nós, teus amantes, que nos matamos por ti há treze anos. Acaba com as batalhas e os conflitos para podermos chamar-te de fim da guerra. Acaba com essas desconfianças sem fundamento que nos fazem lançar-nos uns contra os outros. Junta-nos, junta os gregos todos com o cimento da

amizade e infunde em nossos peitos um pouco de suave tolerância. Faze com que nosso mercado fique superlotado de coisas gostosas: de Megara, alhos, pepinos tenros, marmelos, romãs, capotes para escravos; da Beócia, que venha gente trazendo gansos, marrecos, pombos bravos, patos selvagens; que as melhores enguias cheguem aos cestos e que, amontoados em volta delas para fazer nossas compras, nos acotovelemos com todos os gulosos da cidade; que um comilão preguiçoso chegue tarde demais ao mercado, quando não houver mais enguias para vender, e cante suas tristezas em versos trágicos. O pessoal ia se divertir às pampas! Atende às nossas preces todas, deusa venerável!

(Ao Criado.)

Pegue o cutelo e trate de degolar o cordeiro como um bom cozinheiro.

Criado

Mas assim não está direito!

Trigeu

Bolas! Por que não?

Criado

Eu acho que a Paz não gosta de matanças nem de altares ensangüentados.

Trigeu

Está bem! Vá sacrificar a vítima lá dentro. Separe as coxas e volte com elas para cá. Assim o cordeiro fica sendo de quem está pagando o preço dele.

Coro (a Trigeu.)

Agora você tem que ficar aqui fora para arranjar depressa a lenha e as outras coisas para a cerimônia.

Trigeu

Você não acha que eu arrumo os galhos como um verdadeiro adivinho?

Coro

E por que não? Então você não sabe tanto quanto os maiores sabichões? O que é que você desconhece, você que tem uma inteligência que manja tudo e uma audácia cheia de macetes?

Trigeu

É, mas a lenha acesa faz uma fumaceira capaz de sufocar o adivinho mais guloso. Vou trazer também a mesa para cá e bancar o garçom.

(Trigeu entra.)

Coro

Quem pode deixar de elogiar um homem como esse, que sofreu tantas provações para salvar a cidade?

(Dirigindo-se a Trigeu, que volta com a mesa.)

Todo mundo vai invejar você toda a vida!

Trigeu

Pronto! Já arranjei tudo.

(Ao Criado, que volta com as coxas de cordeiro.)

Ponha essas coxas no fogo. Eu vou buscar os miúdos e doces.

Criado

Deixe que eu cuido de tudo isso.

Trigeu

Mas você já devia ter voltado há muito tempo!

Criado

Estou aqui. O senhor acha que eu demorei?

Trigeu

Então asse bem a carne. Espere aí! Estou vendo alguém vindo para cá com uma coroa de louros!

Criado

Quem será?

Trigeu

Que jeito de charlatão ele tem!

Criado

Será algum adivinho?

Trigeu

Essa não! É o próprio Hiérocles, aquele profeta provinciano!

Criado

Só quero ver qual vai ser a conversa dele agora!

Trigeu

Está na cara que ele vai querer atrapalhar a conciliação geral!

Criado

Eu acho que não. Naturalmente ele vem atraído pela fumaça.

Trigeu

Então vamos fazer de conta que não estamos vendo ele.

Criado

O senhor tem razão.

(Entra Hiérocles.)

Hiérocles (com ares de importância.)

Que significa este sacrifício? A que deus ele está sendo oferecido?

Trigeu (ao Criado, como se não houvesse notado a presença de Hiérocles.)

Você aí cale a boca e asse essa carne; e não toque nos rins!

Hiérocles

A que deus vocês estão sacrificando? Não vão dizer?

Trigeu (ao criado.)

Asse bem o rabo!

Criado

É claro que vai ficar bem assado, Paz augusta e querida!

Hiérocles

Vamos! Comece o sacrifício e me dê as primícias!

Trigeu

É melhor assar primeiro.

Hiérocles

Mas esses pedaços aí já estão assados!

Trigeu

Eu não sei quem é você, mas já sei que é um bocado chato!

(Ao Criado.)

Corte!

Hiérocles

Onde é que tem uma mesa?

Trigeu (ao Criado.)

Vá buscar as libações!

(Sai o Criado.)

Hiérocles

A língua se corta em separado.

Trigeu

Nós já cuidamos disso, mas você sabe o que é que devia fazer?

Hiérocles

Só depois que você disser.

Trigeu

Não converse conosco, nem mais uma palavra, pois estamos fazendo um sacrifício à Paz.

Hiérocles (em tom cavernoso e oracular.)

Ó infelizes, ingênuos mortais...

Trigeu

Infeliz é você!

Hiérocles (no mesmo tom.)

... que, dementes e sem perceber a vontade dos deuses, ousastes fazer um tratado de paz com macacos de olhar perspicaz, vós que sois criaturas humanas!

Trigeu (zombando.)

Ha! Ha! Ha!

Hiérocles

Qual é a graça?

Trigeu

É engraçado esse negócio de “macacos de olhar perspicaz”!

Hiérocles

Pobres pombas que vos entregais a pequenas raposas astutas, velhacas no espírito e nos sentimentos!

Trigeu (mostrando os pulmões do cordeiro, que estão sendo assados.)

Charlatão! Eu ficaria feliz se os seus pulmões estivessem tão torrados quanto estes!

Hiérocles

Se Bácsis, notável profeta, não foi enganado por Ninfas divinas, nem Ninfas divinas de novo enganaram a Bácsis profeta...

Trigeu

Eu mando você para o inferno se você não parar de Bácsis... dalar!

Hiérocles

Os fados ainda não tinham fixado o momento de serem desfeitos os nós que prendiam a Paz. Ainda não era oportuno...

Trigeu (*ao Criado que volta.*)

Salpique a carne com o sal que está ali.

Hiérocles

Aos deuses augustos não é agradável ainda que o bélico estrépito cesse; somente depois de casados o lobo e a plácida ovelha.

Trigeu

Como é que pode haver o casamento de um lobo com uma ovelha, desgraçado?

Hiérocles

Enquanto na fuga exalar seu fedor o veloz percevejo, e a pressa de perpetuar-se o cantor pintassilgo gerar seus filhotes ceguinhos, proclamo em verdade que a hora da paz não soou!

Trigeu

E o que é você acha que nós devíamos ter feito? Parar de lutar ou tirar a sorte para ver qual dos povos haveria de chorar mais, se com um tratado de paz podemos comandar a Grécia juntos?

Hiérocles

Jamais poderás conseguir que ande certo o voraz caranguejo!

Trigeu

“Jamais jantarás no Senado; jamais poderás proferir teus oráculos após o que agora te espera!”

Hiérocles

Jamais poderás alisar um ouriço eriçado!

Trigeu

Você não vai parar de enganar os atenienses?

Hiérocles (*em tom mais natural.*)

Que raio de oráculo mandou vocês assarem coxas de cordeiro para os deuses?

Trigeu

Bolas! O oráculo composto por Homero:

“Afugentando a nuvem detestável

“da guerra, optaram pela paz e a ela

“um santo sacrifício dedicaram.

“Depois de haver assado as gordas coxas,

“as taças em solenes libações.

“Eu indicava a via mas ninguém

“oferecia a grande taça ao vate”.

Hiérocles

Mas isso não quer dizer nada para mim. Não foi isso que a Sibila disse.

Trigeu

Mas Homero, o sábio, disse muito bem:

“Indiferente ao parentesco, à lei,

“ao lar, é aquele que se entrega à guerra

“horível mais que todas, entre irmãos”.

Hiérocles (novamente em tom oracular.)

Cuidado, que por artimanhas insidiosas um falcão sinistro pode devorar...

Trigeu (ao Criado)

Cuidado com o golpe dele! Esse oráculo é perigoso para a carne que estamos assando. Ponha vinho aqui para uma libação e traga para cá uma parte dos miúdos.

Hiérocles

Se você preferir, eu mesmo vou lavar as mãos.

Trigeu

Libação! Libação!

Hiérocles (ao Criado)

Me dê também uma parte dos miúdos!

Trigeu

“Aos deuses augustos não é agradável ainda...” Só depois que você for embora e nós bebermos.

(Pondo vinho na taça.)

Fique conosco, augusta Paz, por toda a vida!

Hiérocles

Me traga a língua!

Trigeu

Só se for a sua!

Criado

Libação!

Trigeu (ao Criado, entregando-lhe a carne.)

Fique com isso também. Pegue depressa!

Hiérocles

Ninguém vai me dar um pouco desses miúdos?

Trigeu

Ninguém; eu não posso dar miúdos a você; “somente depois de casados o lobo e a plácida ovelha”.

Hiérocles

Por seus joelhos!

Trigeu

Você implora em vão, meu amigo: “Jamais poderás alisar um ouriço eriçado!”

(Trigeu e o Criado sentam-se à mesa. Trigeu dirige-se aos espectadores.)

Caros espectadores, venham deliciar-se com os miúdos junto conosco!

Hiérocles

Essa não! E eu?

Trigeu

Coma a Sibila!

Hiérocles

Bem, mas vocês não vão comer tudo sozinhos! Ao menos um pouquinho eu vou levar. Isso está aí para todos.

(Tenta servir-se.)

Trigeu (ao Criado.)

Pau nele! Pau no Bácsis!

Hiérocles

Protesto!

Trigeu

Eu também, pois você é um salafrário e um impostor!

(Ao Criado.)

Pau nele, sem parar! Dê umas boas porretadas nesse impostor!

Criado

Dê o senhor. Eu vou arrancar dele os outros couros de carneiro que ele surrupiou.

Trigeu

Você vai ou não vai deixar esses couros aí, seu sacrificador? Você entendeu?

(Hiérocles sai correndo.)

Que lindo urubu chegou da província! Você não vai voltar correndo para a sua terra?

(Trigueu e o Criado tornam a entrar.)

Coro

Como eu estou alegre! Quanta satisfação eu sinto, agora que me livrei do capacete de guerra, do queijo e das cebolas! Não é de combates que eu gosto; eu quero é ficar sentado num cantinho perto do fogo e beber à vontade com meus amigos, depois de botar no fogo a lenha estalando de seca pelo sol de verão; torrar amendoim beijando a empregada enquanto minha mulher toma banho!

É isso mesmo! Nada é mais gostoso, depois de fazer a sementeira, que ver a chuva mandada pelos deuses e ouvir um vizinho dizer: “O que é que vamos fazer agora, compadre? Eu gostaria de beber até não poder mais enquanto o deus nos manda o deus nos manda coisas boas. Vamos, mulher! Mande fazer três panelas de feijão misturado com trigo e traga figos para a gente. Mande a criada chamar o escravo que está cuidando da lavoura; hoje não vai ser possível podar as parreiras nem espalhar a terra, pois o campo está alagado. Traga lá de dentro umas perdizes assadas. Tinha também um pouco de leite lá dentro e quatro pedaços de lebre (a não ser que o gato os tenha comido ontem de noite, pois eu ouvi um barulho esquisito, barulho de coisa caindo). Ô rapaz! Traga três para nós e dê um a seu pai! Peça ramos de mirto com bagas ao vizinho da esquerda e de passagem grite para o vizinho da frente vir tomar uns tragos conosco, pois os deuses nos favorecem e facilitam o nosso trabalho.”

Coro

E quando a cigarra canta docemente eu gosto de passar em revista minhas parreiras, para ver se as uvas amadureceram (elas são temporãs); vejo os figos verdes crescerem; depois, quando eles estão maduros, engulo-os de uma vez, cantarolando; e preparo logo um chá de erva-doce; e eu engordo um bocado no verão...

Corifeu

Isso é muito melhor do que ficar olhando um militar odiado pelos deuses, com seus três penachos e sua capa purpurina, que ele diz que foi tingida mesmo é de amarelo-merda. Depois ele é o primeiro a dar no pé, como um cavalo com asas de galo, cor de burro quando foge, agitando seus penachos, enquanto eu fico para trás com meus troços. E quando voltam do campo de batalha ficam com neurose de guerra e vão convocar mais soldados, recrutando uns e dispensando outros, baralhando as listas do serviço militar duas e três vezes. “Parta amanhã para a linha de frente!” E o cidadão não tem tempo nem para arrumar o farnel, pois nem sabia que teria de partir; de repente vê, estupefato, o seu nome no local onde são afixados os avisos de convocação e, sem saber o que pensar dessa desgraça, sai correndo com lágrimas nos olhos. É assim que eles nos tratam, a nós, gente pacata do interior. Com os moradores da cidade eles são menos ruins, esses largadores de escudos à vista dos deuses e dos homens. Um dia eles vão prestar contas dessas coisas

todas, se os deuses quiserem, pois eles me maltrataram um bocado, leões em casa e raposas nos combates.

(Trigeu volta com o Criado. Vêem-se, já próximos, um Fabricante de Foices, com seu produto, e um Fabricante de Jarras para vinho, com algumas jarras.)

Trigeu

Puxa! Quanta gente vem aí para o banquete nupcial!

(Ao Criado.)

Vamos, limpe a mesa com isto, pois isto agora não serve para mais nada. Depois ponha na mesa os doces de farinha fina e as perdizes e muitos pedaços de lebre e bolinhos.

Fabricante de Foices

Onde é que você está, Trigeu?

Trigeu

Estou cozinhando perdizes.

Fabricante de Foices

Trigeu, meu grande amigo! Quanta coisa boa você nos proporciona trazendo a Paz de volta! Até agora ninguém comprava foices, nem por um centavo; hoje eu estou vendendo foices por uma nota violenta.

(Indicando o Fabricante de Jarras.)

Este meu chapa aqui está vendendo por um dinheirão as jarras dele. Você pode ficar com as foices e jarras dele. Você pode ficar com as foices e jarras que quiser sem pagar nada, Trigeu.

(Entregando outros objetos a Trigeu.)

Tome tudo isso também; nossos negócios estão indo tão bem que o lucro dá de sobra para estes presentes de casamento.

Trigeu

Muito obrigado, pessoal. Ponham tudo isso lá em casa e fiquem para o banquete; eu ainda não posso entrar; estou vendo um fabricante de armaduras vindo para cá com uma cara de vítima que dá pena.

(Entra um Fabricante de Armaduras, seguido de outros fabricantes e beneficiários de produtos bélicos: Fabricante e Vendedores de Penachos para Capacetes, de Couraças, de Clarins Militares, de Capacetes, de Lanças, cada um trazendo o produto com que trabalha.)

Fabricante de Penachos *(cambaleando)*

Ah! Trigueu! Você me arruinou completamente! Veja em que estado eu me encontro!

Trigueu

O que é que há, infeliz? Você vai mal das pernas?

Fabricante de Penachos

Você desgraçou a minha profissão e a minha vida.

(Indicando o Fabricante de Capacetes.)

E a dele também. E a do Fabricante de Lanças ali adiante também.

Trigueu

Quanto é que você quer por esses dois penachos?

Fabricante de Penachos

Quanto é que você oferece?

Trigueu

O que eu ofereço? Tenho até vergonha de dizer. Em todo o caso, como a haste dá muito trabalho eu dou três pacotes de figos secos. Esses troços vão servir para espanar a mesa.

Fabricante de Penachos

Está bem. Vá lá dentro buscar os figos.

(Ao Fabricante de Capacetes.)

Que jeito? Antes disso do que nada, meu caro.

Trigueu *(voltando com os penachos.)*

Leve isso para o inferno! Fora da minha casa! Eles estão soltando o pelo; não valem nada. Não vou dar nem um figo por eles, num unzinho!

Fabricante de Couraças

O que é que eu vou fazer com essa couraça cara às pampas, tão bem ajustada? Eu sou mesmo um infeliz!

Trigueu

Não tenha medo que você não vai perder tudo. Me dê a couraça pelo preço de custo; até que ela dá um penico legal!

Fabricante de Couraças

Pare de me humilhar! Você está menosprezando o meu produto.

Trigueu *(tentando sentar na couraça.)*

Assim, escorada com três pedras. Não é genial?

Fabricante de Couraças

E como é que você vai-se limpar, seu idiota?

Trigueu

Por aqui, passando a mão por este buraco, e por aqui.

Fabricante de Couraças

Então é com as duas mãos ao mesmo tempo?

Trigueu

É sim, para não se aproveitarem do outro buraco...

Fabricante de Couraças

Mas você vai usar para penico um assento tão caro?

Trigueu

Vou, seu patife! Você não acha que meu traseiro vale muito mais do que isso?

Fabricante de Couraças

Vá lá. Me dê o dinheiro.

Trigueu

Mas ela me machuca a bunda, meu amigo! Leve esse troço. Não quero mais ficar com ela.

Vendedor de Clarins

E eu? O que é que eu vou fazer com este clarim de guerra que custou tão caro?

Trigueu

Ponha chumbo no buraco e ele pode servir para botar vinho.

Vendedor de Clarins

Como eu sou infeliz! Você está zombando de mim!

Trigueu

Então eu vou dar outro conselho: ponha chumbo no buraco, como eu já disse; depois, com um cordão, amarre os pratos de uma balança nele; você vai ter com que pesar os figos que der para seus escravos comerem.

Fabricante de Capacetes

Ah! Destino implacável! Você me arruinou! Estes dois capacetes valem uma fortuna. E agora? O que é que eu fazer? Quem vai comprar isso?

Trigueu

Venda esses troços aos egípcios. Isso serve para medir as ervas purgativas que eles usam.

Fabricante de Couraças

Coitados de nós, vendedor de capacetes!

Trigueu

Ele não perdeu nada.

Fabricante de Couraças

Como não perdeu? O que é que se pode fazer agora com esses capacetes?

Trigueu

Ele que aprenda a fabricar umas asas como essas aí,

(Mostrando as orelhas do fabricante.)

para pregar nos capacetes. Ele vai ganhar muito mais dinheiro do que ganhava, vendendo isso como taças.

Fabricante de Couraça

É... O jeito é nós irmos embora...

Trigueu (aproximando-se do Fabricante de Lanças.)

Não senhor! Eu quero comprar estas lanças.

Fabricante de Lanças

E quanto você dá por elas?

Trigueu

Partidas em duas, eu pago uma boa grana pelo cento. Elas podem servir de estaca na minha lavoura.

Fabricante de Lanças

Isto é um insulto!

(Ao Fabricante de Couraças.)

Vamos embora, companheiro!

(Saem todos os Fabricantes e Vendedores.)

Trigueu

Tudo azul. Os garotos já estão por aí, urinando pelos cantos; parece que eles vão ensaiar as músicas que vão cantar em coro na festa de casamento.

(Aos garotos que chegam.)

O que é que vocês vão cantar, meninos?

Um Menino diz alguma coisa em voz baixa.)

Repita isso aqui perto de mim.

Primeiro Menino *(cantando)*

“Primeiro eu canto a glória
“das tropas juvenis...”

Trigueu

Pare de cantar as tropas juvenis, desgraçado três vezes! Nós já estamos em paz.

Primeiro Menino

“Tão pronto se aproximam,
“atiram-se ardorosos
“de encontro aos inimigos
“fazendo retumbar
“escudos contra escudos.”

Trigueu

Escudos? Você quer parar de falar em escudos?

Primeiro Menino

“E logo os bons guerreiros
“misturam-se e confundem
“seus gritos e gemidos
“de dor e de vitória.”

Trigueu

Gemidos de guerreiros! Você é que vai gemer por causa desses “gemidos e escudos”!

Primeiro Menino

Então o que é que o senhor quer que eu cante?

Trigueu *(cantando)*

“Comeram carne de boi...”
e coisas gostosas assim:
“No almoço foram servidos
os pratos mais saborosos.”

Primeiro Menino

“Comeram carne de boi...”
“E as rédeas afrouxaram
“dos sôfregos cavalos,
“cansados de batalhas.”

Trigeu

Já melhorou. Eles estavam cansados de batalhas e começaram a comer. Continue. Conte como eles se sentiam depois de encher a barriga.

Primeiro Menino

“E quando terminaram
“sentiram-se mais fortes;
“saíram dos abrigos
“e um brado interminável
“subiu até o céu.”

Trigeu

Tomara que você tenha um triste fim, seu patifinho, você e seus combates! Você só sabe cantar coisas de guerra! Um momento! De quem você é filho?

Primeiro Menino

Eu?

Trigeu

Sim, você.

Primeiro Menino

De Lâmaco.

Trigeu

Tinha de ser! Você não podia deixar de ser filho de um desses gaiatos que fazem tudo para haver guerra e depois são os primeiros a gemer por causa dela. Levante acampamento e vá cantar para essa gente que só tem mãos para pegar em lanças.

(O Primeiro Menino se retira.)

Onde é que eu vou encontrar o filho de Cleônimo?

(Apresenta-se outro Menino.)

Cante alguma coisa antes de entrar, garoto. Eu sei que você não vai cantar essas bobagens de guerra, pois você é filho de um pai certinho.

Segundo Menino

“Algum soldado Saiano
“agora está todo prosa
“com aquele escudo glorioso
“que tive de jogar fora.”

Trigeu

É para seu pai que está cantando isso, boboca?

Segundo Menino

“Mas eu salvei minha vida...”

Trigeu

“Vergonha para teus pais...”

Mas em todo caso vamos lá para dentro. Tenho certeza de que nunca mais vai esquecer isso que você cantou sobre o escudo, sendo filho de um pai como o seu.

(O Segundo Menino entra, Trigeu fica em cena e dirige-se ao Coro.)

Vocês que ficaram aqui, agora tratem de trincar, de mastigar tudo isso e de não remar no vazio. Vamos! Metam os peitos e ataquem a comida com a queixada bem preparada. Dente foi feito para mastigar.

Corifeu

Nós só estávamos esperando as suas ordens. Deixe esse trabalho por nossa conta.

(Aos coreutas.)

Mandem brasa, vocês que até hoje passaram fome! Empanturrem-se com essas lebres. Vocês sabem que não é todos os dias que se topa com doce dando sopa assim, e sem dono. Mastiguem com dente firme, senão vocês vão se arrepender. Eu estou avisando!

(O Corifeu entra.)

Trigeu

Agora entrem também, digam à noiva para vir para cá e acendam as tochas. Quero que o povo todo participe da nossa alegria e da festa. Vai chegar a hora de tornar a levar as nossas ferramentas para o campo, depois de dançar, beber, expulsar Hipérbolo daqui e pedir aos deuses prosperidade para todos os gregos, montes de cevada para todo o mundo, vinho às pampas e figos para papar, filhos para nossas mulheres, a volta de tudo que perdemos e o fim do ferro em brasa.

(Aparece a Abundância, seguida de criados portando tochas.)

Trigeu

Venha comigo, mulher. Vamos para o campo. Seja boazinha, deite boazinha comigo. Feliz casamento!

Corifeu

Três vezes feliz! Você está com tudo mas merece. Feliz casamento!

Trigeu (indicando a Abundância)

O que é que nós vamos fazer com ela?

Coro

Com ela?

Trigeu

Vamos colher esta uva!

Coro

Vamos!

Nós que estamos na frente, vamos carregar o noivo nos ombros, pessoal! Feliz casamento! Feliz casamento!

Trigeu

É isso mesmo! Agora vocês vão viver felizes, colhendo figos, de boa vida. Feliz casamento! Feliz casamento!

Corifeu

Ele, grande e grosso; ela, doce como um figo!

Trigeu

Deixe para fazer o discurso depois de se encher de comida e beber vinho às pampas. Feliz casamento! Feliz casamento!

(Aos espectadores.)

Muitas felicidades, muitas felicidades para vocês! Quem me seguir vai ganhar um doce!

FIM